



TATIANE CARVALHO

**POR TRÁS DAS LENTES
OS BASTIDORES DE UMA GRANDE REPORTAGEM**

PORTO ALEGRE

2023

TATIANE CARVALHO

**POR TRÁS DAS LENTES
OS BASTIDORES DE UMA GRANDE REPORTAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso Jornalismo do
Centro Universitário Ritter dos Reis, como
requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Maciel Xavier
Diniz

PORTO ALEGRE

2023

TATIANE CARVALHO

**POR TRÁS DAS LENTES
OS BASTIDORES DE UMA GRANDE REPORTAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado como requisito parcial
para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo, pela banca constituída por:

Prof. Dr. Felipe Maciel Xavier Diniz (Uniritter)

Orientador

Professor(a) Avaliador(a)

PORTO ALEGRE

2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, pois sem Ele nada seria possível, por ter permitido que eu chegasse ao final dessa jornada com saúde e com ainda mais amor ao jornalismo do que naquele agosto de 2018, quando eu comecei a realizar esse sonho.

Agradeço à minha família, em especial aos meus amores, meu filho, Eduardo que sempre foi meu parceiro, grande incentivador e que segurou a minha mão tantas vezes que nem consigo explicar, e ao meu marido, Carlos Alexandre, que entendeu os momentos em que me ausentei e também contribuiu com o que pode. Ao meu Pai, Nilton, que na sua simplicidade, vibrou a cada semestre que eu avançava e à minha Mãe, Leda (*in memoriam*), que mesmo estando do outro lado da vida, eu sentia comigo a cada dia que estava difícil continuar.

Aos queridos mestres que foram clareando o meu caminho ao longo do curso, em especial ao Ricardo Cunha, que se empenhou em conseguir minha autorização para gravar este trabalho. Ao Rodrigo Lopes, meu primeiro professor do jornalismo, que depois disso, se tornou um grande amigo e exemplo profissional. Ao Roberto Villar Belmonte, que mostrou sem rodeios, como fazer um jornalismo de qualidade, fazendo com que eu me apaixonasse por rádio e TV. E com o meu mais profundo carinho e admiração, ao Felipe Diniz, meu orientador neste trabalho, que acreditou no meu potencial, me ouviu nos momentos tensos e que me passou a tranquilidade que eu precisava para seguir em frente. Não menos importante, a todos os outros professores que passaram conhecimento nesses anos, e aos colegas que estiveram comigo, obrigada pelo que vivemos dentro e fora das salas de aula.

Ao Matheus Machado, meu parceiro de rádio e agora, o técnico fora da curva que, com muita paciência e gentileza, me ajudou na edição desse documentário e me deu um apoio fundamental nessa reta final.

Um agradecimento especial à repórter Fernanda Carvalho, da RBS TV, que me recebeu com carinho especial e generosamente, me ensinou tanto em tão pouco tempo, mostrando o ser humano incrível que existe por trás da profissional fantástica. Também à Michelle Guerra, chefe de reportagem RBS TV, que viabilizou minha entrada na redação para realizar as gravações do documentário. E ao cinegrafista Douglas Henrique que, com seu jeito tímido, contribuiu com um lindo depoimento, onde demonstrou sua essência e nos brindou com uma frase que eu

vou levar para a vida: “...se você não fizer o seu trabalho com amor, não vai ser perfeito!”

Agradeço à RBS TV por ter aberto as portas da sua sede, sem isso, esse documentário não seria possível.

E a todos aqueles que, de alguma maneira contribuíram e vibraram junto comigo a cada conquista. Cada um do seu jeito, teve a sua importância e sempre serão lembrados como parte do meu alicerce.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem caráter experimental e está dividido em duas partes: uma teórica e outra prática. Na primeira parte, apresenta a fundamentação teórica a respeito dos significados do que é uma grande reportagem, jornalismo x TV, os bastidores de uma grande reportagem, assim como o conceito de documentário, objetivo da segunda parte do trabalho. Baseado nas teorias de autores como: Nilson Lage (2001), Antônio Carlos Gil (2008), Ricardo Kotscho (1995), Nelson Traquina (2013), Ted White (2008) e Silvio Da-Rin (2004). Já a parte prática, originou um documentário mostrando os bastidores de uma grande reportagem, no qual foram entrevistados funcionários da RBS TV que fazem parte da equipe responsável pela produção da reportagem em questão. O filme busca esclarecer o que acontece por trás das lentes, fases da reportagem que o público não vê, mostrando desde o porquê da escolha do tema para a grande reportagem e todos os processos que acontecem até o produto final que aparece para o telespectador.

Palavras-chave: Grande Reportagem. Bastidores. Documentário.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Entrevistados durante o Documentário	25
Quadro 2 - Ficha técnica do documentário.....	28
Quadro 3 - Etapas de produção	28

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 GRANDE REPORTAGEM	10
3 JORNALISMO X TV	15
4 OS BASTIDORES DE UMA GRANDE REPORTAGEM.....	20
5 DOCUMENTÁRIO.....	23
6 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS	25
7 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO	27
7.1 DESCRIÇÃO DO PRODUTO.....	27
7.2 DESCRIÇÃO DO PROCESSO	28
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS.....	32
ANEXO 1 – LINK DO DOCUMENTÁRIO	34
ANEXO 2 – FOTOS DOS BASTIDORES	35
ANEXO 3 – ROTEIRO DE EDIÇÃO	37
ANEXO 4 – DECUPAGENS	41

1 INTRODUÇÃO

É esperado que as pessoas se encantem com grandes reportagens muito bem-produzidas. No entanto, a maioria não tem ideia de todas as coisas/pessoas envolvidas, nem tampouco o trabalho que dá para que uma cena vá ao ar ou para que uma reportagem tenha sucesso.

O público em geral, só tem acesso ao material pronto e nunca se perguntou o que acontece por trás das lentes. É importante entender que, a maioria das grandes reportagens são objeto de muito estudo prévio, com checagem e apuração dos possíveis cases, tentativas incansáveis de fontes, horas e horas de gravações, e depois disso, horas ou dias de decupagens, edições e finalizações.

Para elucidar estas questões, o presente trabalho abordará os bastidores de uma grande reportagem, através de um documentário mostrando o que acontece por trás das lentes, com todos os elementos de apoio, desde a reunião de pauta, que esclarece como se dá a escolha do tema de uma grande reportagem e todos os processos que acontecem até o produto final que aparece para o telespectador.

Frente a isso, o filme busca responder a seguinte pergunta: como se dá o processo de produção de uma grande reportagem televisiva no JA Repórter, quadro pertencente ao Jornal do Almoço, da RBS TV?

A curiosidade é algo comum do ser humano, e por isso, este projeto tem o intuito de aprofundar conhecimentos e demonstrar o que fica apenas na imaginação do público. Ou nem isso, visto que a grande maioria das pessoas não tem noção do quão grande e envolvente é a produção de uma grande reportagem.

O valor histórico, cultural, artístico e até mesmo, monetário, precisa ser apreciado pelo grande público, a fim de exaltar os profissionais que fazem parte dos bastidores de maneira síncrona. Assim, todas as pessoas que apresentarem interesse em conhecer os bastidores da notícia, verão neste Trabalho de Conclusão de Curso, uma ampla demonstração do assunto.

Para esclarecer o tema, o programa televisivo escolhido foi o JA REPÓRTER. Trata-se de uma reportagem especial, que integra o quadro do Jornal do Almoço, da RBS TV e vai ao ar em edições especiais. Normalmente, é gravado no Rio Grande do Sul e aborda temas relevantes para a sociedade, que são exibidos com mais profundidade.

Assim, essa pesquisa tem como objetivos:

Geral: compreender como se dá o processo de produção de uma grande reportagem no JA REPÓRTER.

Específicos:

- Caracterizar a grande reportagem como um gênero jornalístico;
- Compreender as relações entre jornalismo e televisão;
- Entender as principais características do gênero documentário;
- Acompanhar as gravações de uma grande reportagem do JA REPÓRTER;
- Realizar um documentário detalhando os bastidores de uma grande reportagem JA REPÓRTER.

Para tanto, esse trabalho se organiza da seguinte maneira:

O segundo capítulo abordará o que é uma grande reportagem. No terceiro capítulo, a discussão gira em torno da complexidade de fazer Jornalismo na TV. Já o quarto capítulo, abordará os bastidores de uma grande reportagem. E para finalizar, o quinto capítulo vai externar o que é um documentário.

Diante dessas considerações, acredita-se que o presente trabalho trará uma grande contribuição para a sociedade no geral, pois desvendará aquilo que ninguém vê. Como comunicadora, a autora entende ser de grande relevância abordar um assunto que enaltece o trabalho de todos os profissionais envolvidos para levar ao ar o que chega na casa das pessoas, de maneira espetacular.

2 GRANDE REPORTAGEM

O Jornalismo investiga, analisa e esgota todas as possibilidades de um fato, a fim de elucidar, da melhor maneira possível, as informações para transmitir ao público aquilo que é fato, de maneira transparente e numa linguagem acessível ao seu público.

Isso tudo é possível através da reportagem, e a seguir será apresentado como nasceu a ideia de uma reportagem.

Segundo Lage (2001), quando surgiu, no século XVII, o jornalismo era essencialmente publicismo. Os jornais eram lidos como panfletos e os leitores valorizavam mais que tudo o editorial.

Ainda de acordo com o autor:

A mudança começou com a Revolução Industrial, no Século XIX. Na medida em que o público leitor se tornava multidão, graças à difusão do ensino público na Europa, as tiragens cresciam e o investimento na produção de um veículo aumentava, com a mecanização, o conteúdo relevante dos jornais deslocou-se para os segmentos de informação e entretenimento. Foi aí que nasceu a notícia, a reportagem e o jornalismo como o conhecemos hoje. (LAGE, 2001, p. 78).

Carvalho *et al.* (2010) explicam que existem dois tipos de reportagem. O primeiro é o que é chamado de factuais, são os acontecimentos que não podem ser previstos, como a queda de um avião, uma enchente, a morte de famosos, por exemplo. O segundo tipo é a reportagem produzida, que pode ser elaborada com antecedência.

No entanto, a reportagem não existe sem o repórter, que é o seu grande instrumento. Muitas vezes, uma grande reportagem pode nascer de uma necessidade, de um assunto recorrente e relevante para a sociedade ou até de uma tragédia. Afinal, é a vida real que pauta o jornal, a TV e todos os meios de comunicação.

Todos os dias, em todos os momentos, fatos estão acontecendo na rua e é em busca disso que vive o repórter. “Com pauta ou sem pauta, lugar de repórter é na rua. É lá que as coisas acontecem, a vida se transforma, a vida se transforma em notícia”. (KOTSCHO, 1995, p. 12).

O trabalho em equipe é fundamental no telejornalismo, no entanto, quando se fala em reportagens especiais, essa premissa ganha ainda mais relevância. Uma

equipe com pensamento coeso consegue pensar a produção e identificar as necessidades de cada um, contando o começo, meio e fim da história.

Contar uma boa história não é simples, requer talento e habilidade e é sempre um desafio. Segundo Carvalho *et al.* (2010), o que torna uma reportagem especial é o tratamento muito mais primoroso, tanto de conteúdo, quanto plástico. Ainda segundo os autores, desde o início dos anos 2000, é rara a semana que pelo menos uma das emissoras de canal aberto não apresente reportagens especiais sobre os mais variados assuntos.

Carvalho *et al.* (2010) enfatiza que a maioria das grandes reportagens têm foco no eixo Rio-São Paulo e em Brasília, que é onde se concentram as maiores audiências, o interesse de grandes agências, assessorias de imprensa e autoridades que estão muito acostumadas com o assédio dos jornalistas. Para o autor, é por essa razão que a maioria das grandes reportagens são feitas nos maiores centros de notícia, onde concentram os profissionais mais renomados e grandes infraestruturas.

Ao sair para a rua com a missão de conseguir uma grande reportagem, o repórter encara muitas dificuldades, por vezes, barreiras físicas e emocionais. Sim, o repórter também se emociona e precisa controlar um conjunto de fatores. E é a partir daí que começa a nascer a ideia que pode ser aprimorada ali mesmo, na rua, no calor dos acontecimentos. As histórias que os jornalistas encontram *in loco* pode render uma grande reportagem. Para Kotscho (1995, p. 08), “pode-se fazer uma reportagem de mil maneiras diferentes, dependendo da cabeça e do coração de quem escreve, desde que a pessoa seja honesta, tenha caráter, princípios”.

Segundo Carvalho *et al.* (2010), antes de mais nada é preciso se colocar no lugar do telespectador. Não dá para dizer que aquela é uma grande reportagem, se ao final, você tiver a sensação que já viu algo igual várias vezes. O grande lance é tornar o que todos já viram em algo surpreendente. E isso se faz com foco da notícia ampliado e o texto e a linguagem plástica, primorosos.

De acordo com Yorke (1998, p. 26), “não é preciso nenhum talento especial para reconhecer uma ‘grande’ história quando ela ocorre”. Assim, o autor intitula o famoso “faro jornalístico” que muitas vezes faz com que o repórter perceba a possibilidade de nascer uma grande notícia a partir daquilo que, aparentemente era insignificante. (YORKE, 1998).

O jornalista tem a missão de transmitir aquilo que é preciso ser contado, de forma que o receptor compreenda, pois, segundo Traquina (2013, p. 88):

Uma notícia facilmente compreensível é preferível a uma outra cheia de ambiguidade. Os clichês, os estereótipos e as ideias feitas são muitas vezes necessários. Os jornalistas têm obrigação de escrever de uma forma fácil de compreender, por simplificação, portanto, entendemos tornar a notícia menos ambígua, produzir a natureza polissêmica do acontecimento.

Foi a partir do século XIX que a reportagem começou a ganhar credibilidade, pois os jornalistas passaram a revelar segredos, antes mantidos às sete chaves, como motivações reais de aventuras bélicas e tantos outros segredos. Em meio a esse movimento, o mundo voltou os olhos para a reportagem. Conforme Lage (2001, p. 16), “repórteres passaram a ser bajulados, temidos e odiados”, pois a reportagem colocou em primeiro plano novos problemas, como discernir o que é privado, de interesse individual, do que é público, de interesse coletivo. O autor enfatiza que grandes polêmicas foram lançadas, pois foi a partir das grandes reportagens, que começaram a clarear o que o Estado pode manter em sigilo e o que não pode, os limites éticos do comércio e os custos sociais da expansão capitalista. (LAGE, 2001).

Costurando todas essas novidades, coube ao repórter seguir um roteiro com apurações fidedignas para apresentar um bom conteúdo, usando seu bloco de anotações, sua câmera e acima de tudo, seu bom senso para retratar a realidade. Seguindo uma pauta previamente pensada na redação ou não, a reportagem na rua permite revelar uma realidade, a descoberta de aspectos das histórias que poderiam passar despercebidos.

Jornalismo não é, nem nunca será uma ciência exata. O repórter precisa ser mais do que aquele profissional que sabe escrever baseado numa receita pronta. É necessário a arte de informar para transformar, na medida certa, pois uma grande reportagem é feita de informação e emoção.

Tristeza e alegria. Estes sentimentos se alternam nos trabalhos de cobertura e não tem como o repórter ficar insensível – nem deve. Afinal, ele é antes de mais nada, um ser humano igual aos seus leitores, e precisa transmitir não só as informações, mas também as emoções dos acontecimentos que está cobrindo. Informação e emoção são as duas ferramentas básicas do repórter, e ele terá que lutar sempre consigo mesmo para saber dosá-las na medida certa em cada matéria. (KOTSCHO, 1995, p. 22).

Para Traquina (2013), algumas premissas são fundamentais para seguir uma lógica e obter sucesso na reportagem, apontando como perguntas que o repórter não pode deixar passar: Como verificar os fatos? Quem contactar? Quem são as fontes? Como contactar essas fontes? Como lidar com as fontes? Que perguntas colocar? Como compreender certas respostas?

A reportagem especial exige do jornalista mais preparo, mais entendimento sobre as causas e consequências do fato, um olhar mais apurado e uma leitura mais profunda da realidade para ver o assunto como um todo.

É difícil explicar a força que faz uma pessoa ser repórter. “Isso é tão difícil explicar como definir o amor. Daí a dificuldade de se fazer um livro teórico sobre Jornalismo”. (KOTSCHO, 1995, p. 08). Ainda segundo o autor, muitas vezes você verá matérias com abordagens duras, amargas, sofridas. E não foi porque o repórter quis falar mais de coisas boas ou ruins. Simplesmente, coube a ele retratar a realidade tal como ela era. Mas nunca perdendo a essência de um olhar profissional e ao mesmo tempo, tão humano. Só assim vale a pena ser repórter, em qualquer tempo, em qualquer lugar. (KOTSCHO, 1995).

Destaca-se que “a reportagem especial é o desejo de qualquer jornalista e ela requer experiência e talento do profissional. Mas antes, acima de tudo, ela requer postura, informação e formação”. (CARVALHO *et al.*, 2010, p. 30).

As entrevistas são a arma mais poderosa do repórter, pois é dali que nascem as histórias. No entanto, nem sempre é possível falar abertamente sobre qualquer assunto, muitas vezes, a fonte só aceita falar em *off*. O *off* é uma modalidade de entrevista utilizada para resguardar a fonte de possíveis fatos que não podem ser publicados, em parte ou na sua totalidade. Segundo Dimenstein (1990), a fonte pode exigir mais que a omissão do seu nome, ela pede condição para a conversa, exigindo que o assunto não seja publicado, por estar partilhando um segredo. O autor afirma ainda: “as fontes capazes de dar orientações, não sobre táticas, mas estratégicas, ou seja, os objetivos finais, são as melhores, cultivadas com extremo zelo pelo jornalista, a fim de manter a sua confiança”. (DIMENSTEIN, 1990, p. 53).

É importante entender a diferença entre uma reportagem do dia a dia e uma grande reportagem. A dia a dia costuma ser muito baseada nos acontecimentos factuais, ou seja, as notícias do dia, fatos que estão acontecendo naquele momento, onde toda a apuração e edição precisam ser finalizadas em um curto espaço de tempo. Já a grande reportagem, além dela poder fugir do factual, ela tem um

aprofundamento no assunto, pode ter vários entrevistados, possui um tempo de produção maior, mais dias de gravações externas e uma arte mais elaborada. Então, a diferença basicamente é o tempo, pois o processo de produção é muito parecido.

Para se pensar em como começar uma grande reportagem, primeiramente é fundamental entender que precisa de um assunto que valha uma grande reportagem. Depois disso, é feita uma reunião de pauta para definir a equipe que vai trabalhar no projeto, os detalhes, quem serão os entrevistados, o cronograma e a partir daí, começa a emoção das descobertas que uma grande reportagem pode proporcionar, não só ao repórter, como à toda equipe envolvida.

3 JORNALISMO X TV

Produzir uma reportagem para ser exibida na televisão é, sem dúvidas, uma engrenagem que admite quase que “falha zero”, pois é muito mais difícil corrigir um erro na frente das lentes do que num texto escrito. Daí a complexibilidade da engrenagem de TV.

Segundo Neves, sem sua monografia publicada em 2007, sob o título “A reportagem televisiva como gênero jornalístico: o caso da TCV”, o autor retrata: “A produção de uma reportagem televisiva requer uma mobilização de diferentes equipamentos, pelo que, neste aspecto, a sua concepção é mais delicada que nos demais meios”. (NEVES, 2007, p 35).

Assistir ao conteúdo na TV é simples, pois basta ligar o aparelho e selecionar o que deseja. Simplicidade essa que contrasta ao exaustivo e rigoroso trabalho que está por trás dos mesmos conteúdos.

É preciso atentar para a maneira de falar. Segundo Traquina (2013), os jornalistas se comunicam de uma maneira própria: o jornalês. Isto é, usam de uma linguagem para transmitirem a informação de forma compreensível, pois o profissional da comunicação precisa atingir as fronteiras de classe, étnicas, políticas e sociais. Para tal, é necessário usar frases curtas, parágrafos curtos, palavras simples e concisas, assim como a utilização de metáforas para ajudar na compreensão do texto.

A montagem de uma reportagem de TV acontece da seguinte maneira: são utilizadas as sonoras (falas dos envolvidos, normalmente, das fontes). A sonora é fundamental para informar bem através do vídeo, e uma vantagem, é que as sonoras de TV incluem a imagem e a voz das pessoas, isso facilita muito a compreensão. Uma reportagem padrão na TV é formada por *off* + passagem + sonora, sendo:

- *Off*: é a fala do repórter ou do apresentador sem aparecer no vídeo.
- Passagem: é quando o repórter aparece no vídeo falando diretamente com os telespectadores. Essa entrada pode ser ao vivo ou ainda, ser gravada.
- Sonora: é a entrevista gravada pelo repórter, onde o entrevistado aparece em vídeo.

White (2008) explica que é tarefa dos redatores de TV a elaboração de “notas cobertas” (apresentador âncora lê em *off*) enquanto são mostrados vídeos ou outros

recursos visuais. As chamadas “notas peladas” ocorrem quando o apresentador âncora lê a notícia sem nenhuma imagem de cobertura.

Em TV é preciso estar preparado para entradas ao vivo, onde é possível entender que o jornalismo é mesmo muito dinâmico. De acordo com Kotscho (1995), não tem como explicar uma reportagem com fórmulas, receitas, regras. Pois senão, todos os jornais seriam iguais e todos os repórteres escreveriam e apresentariam da mesma forma.

White (2008) enfatiza que, no geral, para entrar ao vivo em uma reportagem, é indispensável um bloco de anotações e caneta. Além de organizar seus pensamentos de forma rápida, as anotações servem como “bengala” para falar de improviso.

De acordo com Carvalho *et al.* (2010), em televisão tudo é feito em equipe. O repórter recebe a pauta que outro jornalista elaborou, vai para rua (com auxiliar ou não), discute a matéria com um editor e por aí vai. Isso caracteriza uma interdependência dos envolvidos numa matéria para televisão. O mesmo autor enfatiza ainda que, se por um lado, é ruim, porque às vezes o profissional perde algumas referências da proposta, por outro, é bom, porque o resultado é a junção de formas diferentes de encarar a ideia.

Para levar de volta à redação um bom conteúdo, é preciso um olhar atento para tudo (literalmente tudo) que está acontecendo durante as filmagens. A imagem por si só comunica, mas é o “feeling” do repórter que irá discernir as melhores imagens, aquele ângulo perfeito, que traga sentido àquilo que se quer transmitir. Hoje em dia, é bem comum que o próprio repórter faça tudo (filmagem e reportagem), pois o celular é um excelente instrumento de trabalho. Simples e indispensável, o aparelho é capaz de fazer ótimas imagens com qualidade e som, e sua internet permite que se grave e transmita de onde estiver.

No entanto, se o repórter estiver acompanhado de um cinegrafista, é provável que suas ideias se expandam. Segundo Jespers (1998), no momento das gravações, as funções do repórter e do operador de imagem são compartilhadas, havendo até mesmo, momentos em que o próprio jornalista orienta a equipe, e isso resulta em uma cena harmônica e bem alinhada.

Segundo White (2008), redigir uma notícia para TV é mais complicado que escrever notícia para o rádio, pois, embora a pessoa que escreve a matéria possa editar as imagens, o produto final envolve outras pessoas na redação.

O lado bom é que, assim como no rádio, o jornalismo de TV oferece oportunidade ao profissional de exercer múltiplas tarefas, pois, é comum que os redatores acabam virando repórteres, âncoras e produtores. Ainda de acordo com o mesmo autor: “quem escreve o noticiário de TV possui três atribuições básicas: ler notas ao vivo, os *offs* e as cabeças (leads) das reportagens”. (WHITE, 2008, p. 114).

De acordo com Kotscho (1995), quando acontecem grandes fatos como crises políticas, tragédias, copa do mundo ou coisas inusitadas, como a pandemia, a qual a sociedade nunca havia presenciado nada igual, os jornais se mobilizam, acionam suas equipes e logo, grandes coberturas são feitas, de maneira impecável. O problema é que, como todos estiveram em função dos mesmos temas, no dia seguinte, os jornais estão muito semelhantes.

A única coisa capaz de diferenciar uma reportagem de outra, é a capacidade do repórter de mostrar a sua essência, é pegar o mesmo assunto do colega e contá-la com um algo peculiar, inusitado e que faça o leitor/expectador entender e gostar do que vê.

Um bom repórter é guiado pela iniciativa. É preciso ter iniciativa para quase tudo nessa vida, e não seria diferente para o profissional que vive de contar histórias. Sair para rua com um aparelho de gravação e um bloco com caneta nas mãos não garante nada, pois um fato muito importante pode não render muito e um assunto corriqueiro pode virar a reportagem de capa do dia seguinte. Vai muito do que o repórter consegue extrair da situação, usando seu “feeling”, sua habilidade, que é tão própria de cada um.

Aquele que carrega o título de “bom repórter”, não esquece de anotar detalhes também, detalhes como hora, local e comentários que possam auxiliar na montagem do vídeo. Além da habilidade, boa vontade e perspicácia, o multitarefas, chamado de repórter, ainda tem que estar preparado para uma maratona. “Numa grande cobertura é preciso ter muita resistência física, esquecer a hora de comer de dormir, encontrar um jeito de vencer o medo, o cansaço e a saudade”. (KOTSCHO, 1995, p. 26).

Em alguns lugares, o repórter é proibido de entrar naquele momento, por motivos de segurança ou de sigilo. Outras vezes, o acesso é permitido, mas não vale a pena correr tanto risco. Kotscho (1995, p. 31) enfatiza: “O jornal não precisa de heróis, mas de reportagens. E cada um tem que conhecer seus próprios limites”.

Para Traquina (2013, p. 59), “o jornalista é um espelho que reflete a realidade”. Mas isso não quer dizer que essa realidade não seja retratada de uma maneira quase artesanal, pois ninguém é igual a ninguém e na frente das telas não dá para esconder os sentimentos, apenas controlá-los.

O telespectador espera sempre assistir um conteúdo que lhe toque o coração, que aguçe os seus sentidos e que lhe faça pensar sobre o que acabou de assistir. Assim, ao final de uma reportagem, o esperado é que haja uma “sensação” naqueles que assistiram (seja ela boa ou ruim). Carvalho *et al.* (2010) enfatizam que não se trata de escolher assuntos que nunca foram tratados, mas de abordá-los de forma surpreendente. Como o foco é ampliado, o texto e a linguagem plástica devem ser primorosos.

Segundo White (2008), o texto para TV é escrito para os ouvidos e não para os olhos. Diferentemente do jornal impresso, onde o leitor pode voltar e ler o texto quantas vezes quiser, na TV o espectador não tem esse privilégio. Por isso, a notícia precisa ser simples e objetiva.

Na hora de redigir um texto para TV, uma boa dica é ler em voz alta, pois ajuda a perceber a clareza das frases. “É praticamente impossível perceber uma frase mal escrita sem testá-la com os ouvidos”. (WHITE, 2008, p. 12).

Na frente das câmeras é preciso dosar a emoção para que ela fique na medida certa, pois é muito perceptível aos olhos do público quando um repórter está triste, emocionado, indignado e por aí vai. O que, no impresso é possível disfarçar com palavras, na imagem não é assim. Notadas vezes, repórteres não conseguiram conter as lágrimas e embargaram a voz numa transmissão ao vivo, dada a relevância dos fatos.

Mesmo nos casos em que a notícia é sobre acidentes, tragédias, catástrofes, é preciso encontrar uma forma leve de transmitir a notícia, sem perder a seriedade e sobretudo, a credibilidade que é inerente ao jornalismo.

Existe uma batalha antiga em reportagem de TV sobre o que é mais importante: as palavras ou as imagens. É óbvio que as palavras são importantíssimas, no entanto, belas imagens dispensam muitas palavras. “A beleza das boas imagens é que elas não precisam de muitas palavras, apenas de algumas boas palavras. O desafio dos redatores de TV é evitar redundância com o vídeo. Não diga aos telespectadores o que eles estão vendo”. (WHITE, 2008, p. 114).

De acordo com Carvalho *et al.* (2010), a TV faz parte da vida da maioria das pessoas e associa dois importantes sentidos para a comunicação humana: visão e a audição. A voz dá sentido à imagem, e por meio dela, a informação é compreendida por todos, do agricultor ao intelectual.

Por muito tempo o padrão de voz dos apresentadores e repórteres era quase interpretada (impostada). Hoje, a narração é mais próxima do telespectador, mais coloquial, parecendo uma conversa com amigos.

De acordo com Carvalho (2010), em televisão, as imagens são tão importantes quanto o texto. É preciso pensar na matéria como um todo. Não adianta levantar uma série de informações, se não há boas imagens para cobrir os *offs*, pois a tendência é que a reportagem fique sem ritmo, sem sabor.

4 OS BASTIDORES DE UMA GRANDE REPORTAGEM

Muito foi falado aqui sobre o trabalho envolvido para fazer uma reportagem. É uma correria frenética para que todos andem sincronizados e nada saia errado. No entanto, tudo começa com uma reunião de pauta. Segundo White (2008) é na reunião de pauta que as decisões são tomadas e projeta-se os mínimos detalhes. É quando se respondem os seguintes questionamentos: qual será a notícia principal? Que matérias serão cobertas? Quais repórteres e cinegrafistas irão cobri-las? “A reunião de pauta não é muito diferente de um gabinete de guerra, onde se traça o plano de batalha para o dia”. (WHITE, 2008, p. 477).

Horas e horas de gravação na rua não garantem a reportagem que todo mundo vê na TV. Não só isso. É nas ilhas de edição que a mágica acontece. Para dar vida a tudo que foi visto lá fora, é preciso uma combinação de pessoas capacitadas a se desafiar todos os dias, com tecnologia, talento e vontade de pôr no ar “a vida real em tempo real”. Bem-vindos aos bastidores!

Conforme expõe Barcellos (2016, p. 177), “o bom bastidor aparece no material de quem gravou por muitas horas, de quem teve a paciência de esperar as coisas acontecerem. Não é simplesmente uma questão de sorte. É de suor no rosto”. O bastidor da notícia é um campo muito desafiador, pois é ali que o jornalista se depara com um imprevisto atrás do outro. Mas é ali também, que pode nascer uma história ainda melhor do que estava programada.

Ainda de acordo com Barcellos (2016), a melhor hora do dia é quando os repórteres chegam na redação contando as peripécias que enfrentaram durante o dia de gravação na rua. A autora menciona que, como editora, sempre viu o mundo através dos olhos da equipe de reportagem. E é exatamente ali, nos “causos” do dia que não foram gravados porque estavam fora da pauta, que pode surgir uma pérola. “Trabalhar com bastidores dá muito trabalho: precisa pensar mais, gravar mais, decupar mais, muitas coisas mais”. (BARCELLOS, 2016, p. 175).

Uma grande reportagem de TV é feita por muitas mãos e a maioria dos telespectadores não fazem ideia de tudo que está por trás para que aquela cena linda apareça na telinha. E quando algo dá errado, outras mãos correm para socorrer e resolver o problema. Dificilmente se vê um grave erro técnico no ar. Barcellos (2016, p. 181) explica: “o sistema funciona com vários backups para nada

dar errado. Planos B, C e D estão sempre sendo acionados no dia a dia. É uma loucura ver uma redação funcionando”.

Bastidor é dedicação, é reunião, é entrega, é respeito por todos os profissionais envolvidos e por seus personagens, que viram os protagonistas de cada história. Segundo Marcel Souto Maior (apud BARCELLOS, 2016, prefácio), “o segredo é aquele de sempre: trabalho duro para construir narrativas à altura da vida real”.

Fazer uma reportagem exige muita dedicação e isso é o que move esse projeto. Além de trabalhoso, reportar não é nada romântico, pois envolve muitos processos, mas certamente, é a marca mais fascinante da profissão de jornalista e por isso, se fez questão de mostrar os bastidores. É na reunião de pauta, na gravação externa, na edição, na próxima entrevista, é na realização do que foi imaginado e também no imprevisto do que não deu certo. Assim são os bastidores, a engrenagem que faz a máquina andar, a verdadeira alma da reportagem.

O repórter César Tralli, que se define como um apaixonado pela comunicação, discorreu grandes histórias de bastidores no livro *Correspondentes – Bastidores*, histórias e aventuras de jornalistas brasileiros pelo mundo. Situações como passar as madrugadas estudando o assunto da reportagem no quarto do hotel, andar com a bandeira do Brasil enrolada na roupa para facilitar a identificação em terras Israelenses, fazer as refeições dentro do carro durante os deslocamentos, além de presenciar dramas familiares que comoveram o mundo, fazem parte dos bastidores da reportagem. Segundo Tralli (2018, p. 339), “até hoje, quando passo por uma situação de estresse, em maior ou menor grau, procuro descontraí-lo brincando: “Não se preocupe, meu amigo. Se você está feliz, eu estou feliz, e todo mundo está feliz!””.

Contar a história através dos olhos do repórter é o que dá vida ao jornalismo e vivenciar os bastidores é experimentar os desafios do dia a dia. De acordo com Pedro Bial (2018, p. 235), os acontecimentos vão surgindo e o repórter absorve e transforma de acordo com seu feeling: “Vou vivendo o dia a dia atrás da notícia, correndo o tempo todo, fazendo o que for necessário, seguindo o beabá do jornalismo, e mesmo assim deixo os fatos entrarem em mim emocionalmente... sai uma coisa testemunhal”.

Os autores nos confirmam que a notícia faz a história, mas para que a história seja contada, existe um mundo invisível aos olhos do público, que é conhecido como os bastidores.

5 DOCUMENTÁRIO

Em 1895 surge a primeira linguagem cinematográfica com aspecto documental de que se tem notícia. De acordo com Lucena (2012), as primeiras “vistas animadas” foram projetadas pelos irmãos Lumière, onde mostravam cenas do cotidiano com uma câmera que gravava 24 quadros por segundo do que estavam enxergando, pois, de tão pesada, a câmera não permitia movimentos. Devido à simplicidade do equipamento daquela época, os pioneiros cineastas, que também eram empresários, gravaram o filme “A saída da fábrica” (1895), ilustrando um grupo de funcionários deixando o prédio da fábrica da família. Para exaltar a grandiosidade dos irmãos Lumière, é importante lembrar de cenas históricas, em que o homem não consegue montar no cavalo ou a que o menino pisa na mangueira e solta um jato de água. Essas vistas animadas anteciparam os esquetes clássicos do cinema mudo.

Para Da-Rin (2004), além dos irmãos Lumière, Thomas Edison foi outro grande nome que se destacou por terem estabelecido relevantes bases tecnológicas para a futura indústria cinematográfica. O autor lembra ainda, que Louis Lumière, além de ser um fotógrafo de longa data, antes havia estudado desenho e escultura. “Escolher o melhor enquadramento possível para capturar um instante de realidade e filmá-la sem nenhuma preocupação nem de controlar nem de centrar a ação”. (BURCH, 1987, p. 36 apud DA-RIN, 2004, p. 27).

Do que foi visto até aqui, é possível definir Documentário como um gênero do cinema que apresenta uma visão da realidade por meio da tela. Exemplificando, Lucena (2012, p. 13) diz que “Documentário, diferentemente da ficção, é a edição (ou não) de um conteúdo audiovisual captado por dispositivos variados e distintos (câmera, filmadora, celular), que reflete a perspectiva pessoal do realizador”.

Documentar é mostrar através das lentes o que está se vendo e enredar todas as informações de modo a virar um filme. “Os documentários trabalham intensamente para extrair de nós as histórias que trazemos, a fim de estabelecer ligação e não repulsa ou projeção”. (NICHOLS, 2016, p. 96).

Para criar um documentário, Lucena (2012, p. 23) orienta:

Observem seu entorno, o bairro em que moram, a região onde trabalham, as pessoas com quem convivem, os indivíduos que eventualmente encontram, as notícias dos jornais e da TV. Ênfase que tudo pode motivar um documentário.

Após encontrar o tema de um bom documentário, é preciso pensar no roteiro, que é peça chave. A partir do roteiro que um filme começa a se formar, pois o roteirista precisa escrever coisas filmáveis, do contrário, a ideia não passará de um sonho infundado.

Corradini (2019, p. 50) diz que “quando falamos de roteiros, logo pensamos em grandes produções, mas o fato é que, para fazermos qualquer produção cinematográfica, seja ela doméstica, seja pública, o certo é que nos guiemos por um roteiro”. No que diz respeito à linguagem, o roteiro do documentário precisa transmitir a história de maneira clara e objetiva, pois uma mensagem com enrolação e cenas que não levam a lugar nenhum, acabam por causar desinteresse no público e o próprio elenco se perde ao gravar. “Um bom roteiro deve se preocupar em seguir uma decupagem, isto é, uma divisão das cenas, por meio da qual o diretor visualizará o roteiro em uma linguagem fílmica”. (CORRADINI, 2019, p. 51).

Além de um bom tema e um excelente roteiro, o documentário, obrigatoriamente, é formato de equipe. São as pessoas envolvidas que vão entender o objetivo de cada cena, pensar nos enquadramentos (objeto dentro da tela), de maneira que o filme fique espetacular. A ideia é que o filme dialogue com o seu público de forma que ele se interesse pelo que está assistindo.

Acima de tudo, o documentário tem o poder de formar opiniões pela autenticidade apresentada.

Quando acreditamos que o que vemos é testemunho do que o mundo é, isso pode embasar nossa orientação ou ação nele. Obviamente, isso é verdadeiro na ciência, em que o diagnóstico por imagem tem importância vital em todos os ramos da medicina. A propaganda política como a publicidade, também se funda na nossa crença em um vínculo entre o que vemos e a maneira como o mundo é, ou a maneira como poderíamos agir nele. Assim fazem muitos documentários, quando têm a intenção de persuadir-nos a adotar uma determinada perspectiva ou ponto de vista sobre o mundo. (LUCENA, 2012, p. 23).

Diante disso, sim, os documentários têm o poder de fazer o público refletir sobre o que foi abordado, mais ainda, com a interatividade que as tecnologias permitem, é possível opinar através das diversas plataformas *on-line*, o que permite ao documentarista, um retorno quase que imediato sobre o que foi pensado por ele e sua equipe, antes mesmo de fazer o roteiro.

6 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Este trabalho foi dividido em duas partes: a primeira, teórica, onde foi feita uma análise de conteúdo e segundo Franco (2005), a análise de conteúdo consiste na mensagem, seja ela verbal, oral ou escrita, gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada. Na análise, foram abordados os conceitos de Grande Reportagem, Jornalismo x TV, Os Bastidores de uma Grande Reportagem e Documentário, atrelando a teoria à produção de um projeto prático.

Na sequência, foi produzido um documentário, o qual cumpriu a missão de desvendar o que se passa nos bastidores de uma grande reportagem, onde o objeto escolhido foi o JA Repórter, quadro pertencente ao Jornal do Almoço, da RBS TV. De acordo com Barcellos (2016, p. 177), “o bom bastidor aparece no material de quem gravou por muitas horas”.

Durante o documentário, a entrevista foi a técnica mais utilizada. No entanto, a observação e os registros audiovisuais foram de suma importância para completar a análise. Todas as entrevistas foram precedidas de um roteiro, embora flexibilizado em alguns casos. As entrevistas se deram todas com os profissionais que fazem parte dos bastidores do objeto analisado, baseadas em questionamentos como: Como se escolhe o tema de uma grande reportagem? Qual a diferença de uma grande reportagem para as reportagens factuais? Como é realizado o processo de edição?

Durante a produção, foi acompanhado todo o processo, desde como nasce a ideia de pauta, até a finalização da gravação completa, enfatizando sempre o que acontece por trás das câmeras. O documentário mostra as dificuldades enfrentadas pela equipe, entraves, improvisos, emoções e tudo mais que o público não vê. O resultado das entrevistas foi fundamental para dar origem ao documentário em questão.

Quadro 1 - Entrevistados durante o Documentário

NOME	CARGO
Fernanda Carvalho	Repórter
Douglas Henrique Maria	Cinegrafista
Dalvoir de Lima Pinto	Motorista
Fernanda Espinelli	Editora de Texto

Renata Santos	Operadora de Mídias Audiovisuais
Robson Luis Ayres Stefani	Editor de Mídias Audiovisuais

Fonte: Elaborado pela autora.

As entrevistas com os funcionários da RBS TV foram solicitadas no próprio local de gravação, à medida que o documentário ia caminhando e o próximo entrevistado se fazia necessário, mediante roteiro pré-estabelecido e flexibilizado no decorrer das gravações.

A primeira entrevistada foi a repórter Fernanda Carvalho, responsável pela pauta escolhida para a gravação. Fernanda concedeu entrevista no seu próprio local de trabalho, portanto, na redação da RBS TV e também dentro do carro, em um dos deslocamentos acompanhando as gravações externas.

O segundo entrevistado foi o cinegrafista Douglas Henrique Maria, também nos estúdios da RBS TV, mais precisamente, no estúdio do Jornal do Almoço, local escolhido por ele próprio, devido à temática e à disponibilidade do local no momento.

O terceiro entrevistado foi o motorista que nos acompanhou nas externas, Dalvoir de Lima Pinto, o local escolhido foi o próprio estacionamento da RBS TV.

A quarta entrevistada foi a Fernanda Espinelli, editora de texto, que colaborou explicando exatamente o fluxo do seu trabalho, também na redação.

A quinta entrevistada foi Renata Santos, operadora de mídias audiovisuais, que respondeu às perguntas no suíte, ilustrando como faz para colocar no ar o produto final.

O sexto colaborador, Robson Luis Ayres Stefani, editor de mídias audiovisuais, entrevistado na redação e no momento em que editava a matéria objeto deste trabalho, elucidou o processo de edição.

7 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O presente trabalho passou por várias etapas antes de ser finalizado. A seguir, será descrito todas as etapas em ordem cronológica com o intuito de mostrar ao público como nasce uma reportagem abrindo os bastidores desde o marco zero até a finalização de todo o processo.

7.1 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

“Por trás das Lentes – Os Bastidores de uma Grande Reportagem” é um documentário de aproximadamente 16 minutos sobre tudo que acontece nos bastidores para que uma reportagem vá ao ar. A ideia é mostrar os bastidores, os entraves, as dificuldades e tudo que a equipe precisa fazer até o produto final que todos veem na TV.

Para a realização do documentário, teve uma primeira etapa, que foi o cronograma, pois se tratava de um trabalho que seria gravado dentro da redação da RBS TV, assim como fora dela, respeitando o roteiro traçado pela equipe de reportagem, pois o nosso trabalho era justamente mostrar na íntegra, o trabalho deles.

Assim, após ter enviado e-mail para a chefe de reportagem da RBS TV, Michelle Guerra, foi marcado para 27 de março de 2023 o primeiro dia de acompanhamento integral da gravação de uma matéria escolhida para compor a grande reportagem com o tema “O novo ensino médio”, na sede da emissora, em Porto Alegre.

Logo na chegada, a equipe responsável por acompanhar a gravação foi recepcionada pela própria Michelle Guerra e pela repórter Fernanda Carvalho, que gentilmente mostraram todos os cantos da redação, apresentando os colegas de trabalho à medida que era viável. As primeiras horas foram de observação e gravação da Fernanda Carvalho na sua mesa de trabalho. A seguir, se deslocaram para a primeira gravação externa, na sede da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande Do Sul) e assim seguiram por mais 05 dias até a finalização da edição e o acompanhamento da reportagem indo para o ar no Jornal do Almoço do dia 07 de abril de 2023, conforme é possível constatar no Quadro 3 - Etapas de produção.

Quadro 2 - Ficha técnica do documentário

Título	POR TRÁS DAS LENTES OS BASTIDORES DE UMA REPORTAGEM ESPECIAL
Duração	16 minutos
Período de produção	De março a maio de 2023
Equipamentos utilizados	- Apple Iphone 12 - Microfone de lapela - Tripé - Adobe Premiere 2022

Fonte: elaborado pela autora.

7.2 DESCRIÇÃO DO PROCESSO

Quadro 3 - Etapas de produção

ETAPA 1 (Segundo semestre de 2022)	Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso, de mesmo nome: POR TRÁS DAS LENTES OS BASTIDORES DE UMA REPORTAGEM ESPECIAL
ETAPA 2 (14/03/2023)	E-mail para a produção do Jornal do Almoço, da RBS TV, solicitando autorização para gravação dos bastidores de uma reportagem especial que daria origem ao Documentário.
ETAPA 3 (27/03/2023)	Primeiro dia na sede da RBS TV, conhecimento de todos os ambientes e acompanhamento da primeira externa, na UFGRS, com após, retorno para a redação e acompanhamento de edição. Apoio do auxiliar técnico Eduardo Esnarriaga.
ETAPA 4 (28/03/2023)	Deslocamento direto para a segunda externa, que foi cancelada antes de chegar ao destino, pois caiu a pauta. Apoio do auxiliar técnico Eduardo Esnarriaga.
ETAPA 5 (30/03/2023)	Deslocamento direto para a terceira externa, colégio em Cachoeirinha. Apoio do auxiliar técnico Eduardo Esnarriaga.
ETAPA 6	Dia todo na sede da RBS TV, acompanhamento

(05/04/2023)	de edição do material já existente, bastidores de camarim, quarta externa num colégio em Porto Alegre, entrevistas com a Repórter + Cinegrafista + Motorista.
ETAPA 7 (07/04/2023)	Dia todo na sede da RBS TV, acompanhamento final de edição, entrevistas com Editora de Texto + Operadora de Mídias Audiovisuais + Editor de Mídias Audiovisuais. Gravação dos momentos que antecedem o Jornal entrando no ar com a matéria que foi acompanhada para o JA Repórter, primeiro no estúdio do Jornal do Almoço e após, no estúdio do G1. Gravação da passagem de abertura do Documentário na redação da RBS TV.
ETAPA 8 (18/04/2023)	Foram baixados todos os arquivos num drive no laboratório da UniRitter com o apoio dos técnicos.
ETAPA 9 (03/05/2023 a 05/05/2023)	Primeira decupagem. Envio do roteiro com os primeiros cortes para o técnico Matheus Machado.
ETAPA 10 (09/05/2023)	Reunião com o técnico Matheus e com o orientador Felipe Diniz + gravação de Offs nos estúdios da UniRitter.
ETAPA 11 (11/05/2023)	Segunda decupagem e escolha da trilha sonora.
ETAPA 12 (17/05/2023)	Gravação da passagem final nos estúdios da UniRitter.
ETAPA 13 (23/05/2023)	Edição nos estúdios da UniRitter com o técnico Matheus Machado.

Fonte: elaborado pela autora.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão de curso viabilizou a exposição de uma parte do jornalismo que normalmente ninguém enxerga. O ponto de partida foi o seguinte questionamento: “Você já se perguntou tudo que acontece por trás de uma reportagem? O trabalho que dá? Os profissionais envolvidos? As etapas e tudo que acontece para o produto final que você vê na TV?”

É preciso deixar registrado aqui que o primeiro marco na construção da ideia desse documentário surgiu de uma matéria no programa da Ana Maria Braga, da Rede Globo, ainda no semestre passado, onde era mostrada uma cena da novela Pantanal. Tratava-se de uma perseguição de barco que o ator participava, onde a equipe da novela levou mais de 4 horas para gravar uma cena que durou menos de 3 minutos depois de pronta. Naquele momento pensei: “as pessoas não tem ideia do trabalho que dá para colocar no ar uma cena dessas, tanto trabalho, horas e horas de gravação para poucos minutos de exibição...”.

A partir daí, a ideia estava pronta. Foi então que essa vontade de mostrar os bastidores, evoluiu para algo mais próximo do jornalismo gaúcho e chegou aos bastidores do JA Repórter.

Na primeira etapa dessa pesquisa, o aprofundamento teórico foi muito enriquecedor em alguns conceitos relacionados à ligação do jornalismo com a televisão, assim como entender o que era uma grande reportagem. Esse estudo se demonstrou de suma importância quando se foi à campo para captar as imagens, pois a cada cena que se gravava, encaixava perfeitamente com as teorias, ora estudadas.

A pesquisa teve como principal objetivo analisar o conteúdo de uma grande reportagem, mostrando seus bastidores e todos os recursos utilizados. Apesar de se tratar de uma reportagem especial, o documentário teve uma abordagem factual e relevante, respeitando os critérios de noticiabilidade, recursos utilizados na construção do conteúdo, seus diferenciais e suas técnicas. Tais abordagens mostraram ao público o lado mais trabalhoso e instigante, e ainda, alcançou a compreensão da função social do jornalismo.

Foram 5 dias de gravações, de descobertas, de lindas surpresas. A maneira que ocorreu a recepção pela equipe da RBS TV foi surpreendente, pois, além de disporem do seu tempo, abriram as portas e compartilharam do seu dia a dia, do seu

conhecimento, das técnicas e permitiram que tudo fosse documentado através de imagens, de entrevistas e de troca de experiências.

Assim, o documentário permitiu mostrar ao público como se faz uma grande reportagem, através dos olhos de uma espectadora, pois enquanto a autora filmava, o mundo dos bastidores e toda a grandiosa produção envolvida foi sendo revelada pela lente do celular.

As gravações foram feitas somente com um aparelho modelo Iphone 12, tripé simples e um microfone de lapela. De início não se imaginava poder mostrar tanto com simples ferramentas. No entanto, um rico material foi produzido e o projeto se tornou viável através da veracidade do que estava diante dos olhos e das pessoas entrevistadas, que gentilmente contribuíram para um resultado espetacular.

Como futura jornalista, penso que o aprendizado adquirido no decorrer deste trabalho, vai muito além da teoria aqui estudada ou das horas de gravação que compõem o documentário. É um misto de sentimentos, de noites em claro, de tantas idas e vindas com o orientador, que pacientemente acolheu e mostrou a grandiosidade do que poderia fazer. Isso tudo somado a uma bagagem gigante absorvida nos dias de acompanhamento da equipe da RBS TV, tentando olhar para todos os lados e não perder nada do que via e ouvia. Conhecimentos para toda a vida que serão levados na memória e no coração.

Sem dúvida, um grande desafio. Mas, segundo os autores, é de desafios que vive os bastidores da notícia. E se uma futura jornalista se emociona com tudo isso, sente as pernas tremerem e os olhos brilharem, é porque está no caminho certo. Que venham os próximos desafios!

REFERÊNCIAS

- BARCELLOS, Caco. **Profissão Repórter 10 anos**: grandes aventuras e grandes coberturas. São Paulo: Planeta, 2016.
- BIAL, Pedro. Queda do muro de Berlim e reunificação Alemã, 1989. In: MELO, Alice; PEIXOTO, Carla; FELICIO, Juliana. **Correspondentes**: bastidores, histórias e aventuras de jornalistas brasileiros pelo mundo. 1ª edição. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2018.
- CARVALHO, Alexandre *et al.* **Reportagem na TV**: como fazer, como produzir, como editar. São Paulo: Contexto, 2010.
- CORRADINI, André Luiz Delgado. **Princípios do cinema e introdução ao videodocumentário**. Curitiba: InterSaberes, 2019.
- DA-RIN, Silvio. **Espelho partido**: Tradição e transformação do documentário cinematográfico. São Paulo: Azougue Editorial, 2004.
- DIMENSTEIN, Ricardo. **A aventura da reportagem**. São Paulo: Summus; 3ª edição, 1990.
- FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. 2ª edição. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.
- JESPERS, Jean Jacques. **Jornalismo Televisivo**. Coimbra, Portugal: Minerva, 1998.
- KOTSCHO, Ricardo. **A prática da Reportagem**. São Paulo: Ártica, 1995.
- LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- LUCENA, Luiz Carlos. **Como fazer documentários**: conceito, linguagem e prática de produção. São Paulo: Summus, 2012.
- NEVES, Benvindo Chantre. **A reportagem televisiva como gênero jornalístico**: o caso da TCV (monografia). 2007. Tese de Doutorado. Universidade Jean Piaget de Cabo Verde. Cidade da Praia, Santiago, 2007.
- TRALLI, César. Assassinato de Yitzhak Rabin – Israel, 1995. In: MELO, Alice; PEIXOTO, Carla; FELICIO, Juliana. **Correspondentes**: bastidores, histórias e aventuras de jornalistas brasileiros pelo mundo. 1ª edição. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2018.
- TRALLI, César. Israel x Hezbollah – Líbano, 1996. In: MELO, Alice; PEIXOTO, Carla; FELICIO, Juliana. **Correspondentes**: bastidores, histórias e aventuras de jornalistas brasileiros pelo mundo. 1ª edição. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2018.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, V. II, 3. Ed. rev. 2013.

WHITE, Ted. **Jornalismo eletrônico**: redação, reportagem e produção; (tradução Márcia de Toni). São Paulo: Roca, 2008.

YORKE, Ivor. **Jornalismo diante das câmeras**. São Paulo: Summus, 1998.

ANEXO 1 – LINK DO DOCUMENTÁRIO

<https://youtu.be/sZ6MouJplcw>

ANEXO 2 – FOTOS DOS BASTIDORES





ANEXO 3 – ROTEIRO DE EDIÇÃO

TCC – Gravado na RBS TV

Tatiane Carvalho

1 - IMG_4351 – 01" a 19"	Chamada Tatiane
2 - IMG_4170 – 00" a 10"	com OFF 1
3 - IMG_3748 - 00" a 10"	com OFF 2
4 - IMG_4230 - 2'40 a 3'26"	(Arte: o que é uma grande reportagem?)
5 - IMG_4230 – 3'33" a 4'19"	(Arte: como escolhe o tema de uma GR)?
6 - IMG_4230 – 4'26" a 5'44"	(Arte: por onde começar?)
7 - IMG_3794 – 0" a 6"	com OFF 3
8 - IMG_3750 - 0" a 6"	com OFF 3
9 - IMG_3830 - 0" a 5"	com OFF 4
10 - IMG_3832	foto
11 - IMG_3826 - 0" a 5"	
12 - IMG_3838	foto
13 - IMG_3841 - 0" a 5"	
14 - IMG_3843 - 0" a 9"	
15 - IMG_3842	foto
16 – IMG_3932 - 2" a 10"	com OFF 6
17 – IMG_3912 - 0" a 20"	
18 – IMG_3962 - 0" a 30"	com OFF 7
19 – IMG_3928 - 15" a 35"	com OFF 8
20 – IMG_3929 - 0" a 11"	com OFF 8
21 - IMG_4155 - 0" a 27"	
22 - IMG_4156 - 11" a 29"	
23 - IMG_4172 - 0" a 40"	
24 - IMG_4179 - 0" a 10"	
25 - IMG_4189 - 0" a 15"	com OFF 9
26 - IMG_4184 - 04" a 16"	

27 - IMG_ 4190 - 00" a 09"	
28 - IMG_ 4191 - 00" a 04"	
29 - IMG_ 4193 - 00" a 16"	
30 - IMG_ 4196 - 06" a 30"	
31 - IMG_ 4203 - 00" a 14"	
32 - IMG_ 4211 - 02" a 09"	
33 - IMG_ 4216 - 00" a 1'02"	(Como está sendo esse JA Repórter)
34 - IMG_ 4216 - 1'04" a 1'52"	(Como é o dia-a-dia de uma GR)
35 - IMG_ 4219 - 13" a 19"	(...de volta à redação...)
36 - IMG_ 4233 - 17" a 27"	(Entrevista Douglas - cinegrafista)
42" a 1'44"	
2'29" a 2'54"	
3'07" a 3'30"	
5'28" a 6'04"	
6'06" a 6'22"	
6'42" a 7'28"	
37 - IMG_ 4254 - 00" a 24"	(Fernanda grava off)
38 - IMG_ 4255 - 00" a 05"	(Fernanda grava off)
39 - IMG_ 4259 - 1'03" a 1'20"	(Entrevista Dalvoir - motorista)
2'04" a 2'33"	
40 - IMG_ 4279 - 17" a 50"	(Edição)
41 - IMG_ 4281 - 04" a 1'07"	(Edição)
42 - IMG_ 4284 - 33" a 1'08"	
43 - IMG_ 4285 - 00" a 05"	Arte
20" a 29"	
44 - IMG_ 4288 - 02" a 32"	
45 - IMG_ 4290 - 01" a 1'06"	Suíte
46 - IMG_ 4293 - 01' a 1'27"	Operação de VT
47 - IMG_ 4294 - 59" a 1'43"	Operação de VT
48 - IMG_ 4295 - 00" a 07"	Entrevista Renata Santos
12" a 32"	
49 - IMG_ 4299 - 09" a 1'32"	Entrevista Robson Stefani
50 - IMG_ 4310 - 00" a 35"	Estúdio G1

51 - IMG_ 4313 – 00" a 08"	Estúdio G1
52 - IMG_ 4331 – 00" a 10"	Estúdio JA
53 - IMG_ 4337 – 00" a 14"	Estúdio G1

Corte 2 a partir do último arquivo compilado.

01" (você já..) – 37"	Abertura + corredores
39' (a reportagem..) – 1'23" (calma)	Como é GR # factual
1'24" (uma grande...) – 2' (chefia de reportagem)	Como escolher o tema
2'10" (primeiro...) – 3'06" (junto com a gente)	Processo de início GR
3'13" (parece...) – 3'27" (parecido)	Escolher o que fica
3'28" – 3'38"	Saindo p externa
3'39" – 3'43"	Externa UFRGS
3'49" – 3'53"	Externa UFRGS
3'59" – 4'12"	Pátio UFRGS
4'18" – 5'14"	Externa colégio Cach.
5'19 – 5'48"	Externa colégio Cach.
5'50" (vou focar...) – 6'14" (pra gente já...)	Fernanda edita cabeça matéria
6'24" (a gente pensou...) – 6'31" (que role...)	Fernandas pensando na arte
7'14' – 7'21"	Imagem redação
7'23" – 7'49"	Camarim
7'50" – 7'59"	Antena - início
8' – 8'18"	Externa colégio Poa
8'35" (o JA Rep....) – 8'57" (sociais)	Externa colégio Poa
9'18" (esse tá sendo...) – 10'06" (diferencial)	Fernanda fala no carro
10'38" (eu gosto muito...) – 10'54" (diferente)	Fernanda fala no carro

12'13" (o JA Rep....) – 13'36" (sozinho)	Entrevista cinegrafista
13'53" (eu gosto de...) – 14'18"	Entrevista cinegrafista
14'21" (uma frase...) – 14'38" (perfeito)	Entrevista cinegrafista - frase
14'40" – 15'02"	Fernanda grava off
15'08" (isso aí acontece...) – 15'24" (gravação)	Entrevista motorista
15'25" (grande rep....) – 15'37" (reportagem)	Entrevista motorista
15'41" (mais trabalhoso) – 15'45" (perfeitamente)	Entrevista motorista
15'50" (os bastidores...) – 15'53" (detalhados)	Entrevista motorista
16'27" (colocando aqui...) – 16'58" (no ar)	Explica edição
17'12" (a gente também...) – 17'28" (rápido)	Explica edição
18'05" – 18'18"	Sala de arte
21'04" (vinheta JA...) – 21'16" (canal)	Suíte
21'20" (JA repórter...) – 22'02" (editado)	Suíte
22'12" (a gente trabalha...) – 22'31" (espetacular)	Suíte
22'31" (o trabalho de...) – 23' (é tudo isso)	Edição de imagens
24' – 24'13"	Estúdio G1
24'30" – 25'	Estúdio G1 – JA - G1

ANEXO 4 – DECUPAGENS

Entrevista: Fernanda Carvalho - Repórter

2'41" até 3'25" - A reportagem especial, além dela poder fugir do factual, muitas vezes, ela também está com base no factual, mas tem um leque de assuntos muito maior, a gente tem esse tempo de produção maior também. A gente pode pensar melhor, a gente tem mais dias de externa, mais dias de entrevistas, a gente consegue voltar nos lugares, se for o caso, consegue agregar entrevistas que num primeiro momento não estavam agendadas, a gente trabalha uma arte maior, o pessoal da produção também tem mais tempo, da edição de imagem tem mais tempo. Então é basicamente o tempo, porque o processo, ele é muito parecido, mas a gente acaba tendo mais tempo de produção e pode fazer com mais calma."

3'33" até 4'19" - Uma grande reportagem precisa de um tema que valha uma grande reportagem, acho que esse é o primeiro diferencial. Uma grande reportagem acaba sendo uma aposta de um tempo maior, porque na televisão tempo é dinheiro, no sentido que é muito disputado. A gente tem um jornal de uma hora, por exemplo, e cada 3 minutos, 4 minutos ali, é muito tempo, então precisa de um assunto que valha e essa avaliação é feita em conjunto, pelo repórter, pela produção, pela chefia de reportagem. Então a gente acaba sabendo que tem ali um tema que merece um aprofundamento maior e aí a partir disso a gente aposta em uma grande reportagem."

4'26" até 5'22" - Acho que primeiro então é esse passo, a gente entender que tem um assunto que vale uma grande reportagem, aí a partir disso a gente conversa sobre essa grande reportagem já com uma equipe, porque muitas vezes no dia-a-dia isso não acontece, vai muito do repórter, de sair pra rua, e com feeling que a gente tem, a gente direciona aquela reportagem daquele dia, ela é feita mais em grupo mesmo. Na verdade tudo que a gente faz no jornalismo é em equipe, mas esse processo de pensar, ele também é feito em equipe, que do dia-a-dia acaba

ficando muito com o repórter que está na rua. Então a gente senta, conversa, decide pra que lado a gente vai, quem é importante essa grande reportagem, porque a partir do momento que eu vou ter uma reportagem não de 4 mas de 10 min., não significa só que eu vou aumentar aquela reportagem que era de 4 min., mas eu vou realmente me aprofundar naquele assunto. Eu vou trazer fontes que vão fazer com que as pessoas mergulhem nessa grande reportagem junto com a gente.

5'29" até 5'43" - Parece que, nossa agora eu tenho 12 min., que bacana, vou poder botar tudo que eu quero, não. Fora isso, o processo é o mesmo da reportagem do dia a dia, escolher o que vai ficar de fora, e também ter esse trabalho de edição e de produção que é muito parecido.

14" até 1'02" - Esse está sendo um JA Repórter bastante diferente do que costuma ser, normalmente a gente consegue se dedicar mais às grandes reportagens. Essa está sendo diferente porque eu tive que abraçar alguns factuais durante a produção mas ele também está sendo bem interessante porque durante o JA Repórter a gente teve um factual que interferiu no próprio JA Repórter. A gente está falando sobre o novo ensino médio e ontem uma portaria do governo federal suspendeu por sessenta dias o novo ensino médio. Então foi muito bacana, é algo que não costuma acontecer em grandes reportagens porque geralmente são assuntos que não são tão do cotidiano e não tão impactados pelo factual assim mas a gente teve então, esse diferencial.

1'35" até 1'51" - Eu gosto muito de fazer grandes reportagens porque no dia a dia a gente não tem tanto tempo, inclusive tempo de jornal para colocar uma matéria de dez minutos. E com essa proposta de uma reportagem especial a gente consegue isso, entregar um produto um pouco diferente."

7" até 24" - Aquecendo a voz, agora vamos vai gravar o off. Agora o off já passou pela editora de texto, que já fez algumas modificações, voltou pra mim, eu modifiquei algumas coisas de volta, é assim mesmo, é parte do processo, então chegamos num consenso de qual vai ser o texto. Então agora eu vou gravar para o editor de imagem começar a editar."

Entrevista: Dalvoir Pinto - Motorista

1'03" até 1'19" - Acontece seguido de sair meio na corrida, no corre-corre e tu acabar tendo que voltar no meio do caminho porque esqueceu alguma coisa que realmente é necessário no momento da gravação.

2'04" até 2'25" - A grande reportagem, ela exige mais. Mais aparelhagem, mais técnica em tudo que vai fazer. Não que o factual não seja também importante mas a grande reportagem, acredito que é mais importante, é mais trabalhoso para que tudo ocorra perfeitamente, não é aquele momento factual.

Entrevista: Douglas Henrique Maria – Cinegrafista

02'40" até 2'54" - A gente faz o possível para conseguir um bom material e mostrar para o telespectador a realidade do assunto que a gente está abordando.

03'08" até 3'31" - Quando a gente sai daqui, a gente já tem um roteiro, ponto. Mas quando a gente chega lá na rua é completamente diferente. Normalmente a gente tem uma direção, mas quando a gente chega lá, a gente vê uma outra história, um outro visual e a gente tem que, às vezes mudar esse roteiro."

05'28" até 6'04" - Quando eu chego numa externa, eu procuro ser o mais amigo possível do personagem, do repórter, do meu auxiliar, que pra mim o auxiliar é muito importante, não é só o motorista, não é só o cara que vai carregar o tripé pra ti, não, ele é da equipe. Já teve muitos casos que o auxiliar: Douglas tu pode fazer dessa forma? ... muito melhor do que a minha imaginação estava naquele momento, então vamos fazer da tua forma. Então acho que você trabalhar com equipe é um ponto positivo muito melhor que só você trabalhar sozinho."

06'41" até 7'08" - Por acaso eu gosto de estar do teu lado aí, eu gosto de estar filmando mas nunca fui filmado. Então hoje, nesse exato momento eu estou entendendo como vocês passam né... essa adrenalina no peito. É claro que eu já estou acostumado com todo dia a dia, mas é diferente. É diferente você está sendo

entrevistado, contando um pouco do teu dia, e eu tenho certeza que muitas pessoas nesse momento estão ouvindo.”

07’10” até 7’28” - Uma frase que eu gosto muito de dizer, que é uma frase minha desde o início da minha caminhada: olhar com o coração é fundamental, se você não olhar com o coração, com amor, não vai ser perfeito.

Entrevista: Robson Stefani - Editor de Mídias Audiovisuais

09” até 38” - O trabalho de edição de imagens é na verdade, lapidar. A gente vai encontrar as melhores imagens, os melhores enquadramentos, questão de foco, de luz, de áudio, então tudo isso a gente vai compactar e vai botar dentro de uma timeline para mostrar para o telespectador o que foi feito na rua e a gente coloca o que há de melhor. A gente coloca sentimento, a gente coloca emoção, às vezes a gente coloca drama, a edição de imagens é tudo isso.”

Entrevista: Fernanda Espinelli - Editora de Texto

04” até 35” - Estou colocando aqui a ordem dos entrevistados e que a Fernanda vai aparecer e depois eu reviso, na ilha ou aqui mesmo no nosso sistema a gente consegue olhar se está correto. Uma coisa que é importante também é que às vezes a gente coloca alguma imagem, por exemplo, a Angela, logo começa a falar tem uma imagem, então a gente tem que creditar logo após que ela entrou pra não vasar aquele crédito no ar.

49” até 1’05” - E aí a gente tem dois tipos de template, um que entra e sai e outro que é um crédito mais rápido, vamos supor, a pessoa falou cinco segundos, então esse crédito, esse template que a gente chama, ele vai entrar mais rápido e vai sair mais rápido.”

Entrevista: Renata Santos - Operadora de Mídias Audiovisuais

12” até 31” - A gente trabalha com ao vivo, às vezes a gente acha que é rotina todos os dias, mas todos os dias quando tu senta aqui, tu não sabe o que vai acontecer, mas a gente trabalha pra que tudo saia de forma zerada, sem erro nenhum, e que o produto chegue ao ar na casa das pessoas de forma espetacular.

57” até 1’40” - Isso serve também para o próprio JA Repórter, é uma matéria muito grande, então ela é pré estudada, a pauta, o conteúdo dela semanas antes, qual repórter vai fazer a cada semana, Fernanda Carvalho, Josmar Leite, depende, isso é vendido desde as reuniões de pauta, qual repórter vai fazer, qual equipe vai fazer e às vezes isso é feito por semanas até ir ao ar, às vezes até um mês antes eles ficam trabalhando em cima disso e rende matérias excelentes, às vezes até de 12 minutos, hoje é o caso que vai ao ar do novo ensino médio, e a previsão deles é de uma matéria de doze minutos e trinta, que ainda está sendo editada.

1’11” até 1’22” - Vinheta JA Repórter, aqui é a matéria que vai entrar hoje, está off line porque está sendo editada ainda, quando tiver on line é porque já está pronta pra mim puxar pro canal.”